

# O Romance do Jade

LEE YUJU

LEE BOLTIN



*Chinês Moderno, estatueta de jadeíta, com 25 cm, talhada recentemente*

O jade, que, por tempo, foi admirado em museus, está sendo preferido pelas mulheres elegantes

**N**ENHUMA das pedras semipreciosas é mais valorizada pelos chineses do que o jade. Confúcio o descreveu assim: «límpido, polido e brilhante como a inteligência; de bordas aguçadas, mas não cortantes, como a justiça; refulgente como o céu e sólido como a terra».

Por mais de três mil anos, as mulheres chinesas têm apreciado o jade, como símbolo de riqueza e autoridade, e gostado dele por sua beleza. Agora, as mulheres de todo o mundo parecem ter aprendido a apreciá-lo — talvez porque, como escreveu a falecida Pearl Buck, Prêmio Nobel da Literatura, «é a jóia mais suntuosa sobre a carne de uma mulher». Seja como for, as transações comerciais de jade em Hong Kong (principal mercado mundial dessa pedra) aumentaram para mais do dobro desde 1969. O lucro bruto do ano passado foi de 40,4 milhões de dólares, informa Robert Y. C. Lee, presidente da Associação dos Comerciantes de Jade e Pedras de Hong Kong (HKJSMA), com 40% das exportações. O Japão foi o maior comprador, seguido pelos Estados Unidos e Cingapura, e os mercados da Europa e Oriente Médio estão se expandindo.

Geralmente, quando se fala de jade, imagina-se uma pedra de tom verde-vivo, mas o nome jade é dado a gemas lapidadas de dois minerais (nefrita e jadeíta), as quais possuem larga variedade de cores: branco, marrom, lilás, azul, amarelo, vermelho, cinza ou preto. As províncias chinesas de Sinkiang e Yunnan produzem nefrita, e grande parte da história cultural da China está gravada nesse mineral. Com o auxílio de lâminas finas, de arenito ou ardósia, impregnadas de pó abrasivo e água, e usando instrumentos de madeira e bambu, homens do período neolítico faziam talhadeiras, machados, facas e adagas de ne-

frita. Mais tarde, artífices das cortes imperiais esculpiam peças, decorativas ou para cerimoniais, que hoje são o orgulho de muitos museus. O jade era usado também em ritos fúnebres, pois se acreditava que um pedaço de jade, inserido nas nove aberturas do corpo, evitava a decomposição. Só no século XVIII é que a jadeíta, conhecida como *fei-tsui* («plumagem de marfim-pescador»), foi introduzida na China, levada da Birmânia. Então, rapidamente se tornou uma pedra de joalheria, o supra-sumo do luxo para o gosto dos chineses.

A Birmânia continua a suprir Hong Kong de pedras, mas as compra atra-

*Grupo de vasos de jade, de Chi'en Lung, inclusive um porta-pergaminhos, com cerca de 30 cm (ou fundo), da dinastia Ching (1644-1912). Atualmente, na Coleção Vetlesen, no Smithsonian Institute, em Washington, D. C. O artesanato do jade esteve então no auge, em virtude do subsídio dos imperadores (Foto de Lee Boltin)*





*Pedra de jade em bruto, antes de ser talhada*

vés de intermediários. O jade se forma sob altas pressões, talvez 50 quilômetros abaixo da crosta terrestre. Só depois de extraído e de lhe ser removida a camada exterior oxidada, conhecida como «pele», é que aparecem alguns veios esverdeados, que indicam a quantidade e qualidade do jade que está por baixo.

«Pouca gente sabe que a maioria de nós se mete no negócio do jade por espírito de aventura», disse-me o veterano negociante Chang Jui. «O lucro é coisa secundária.» A emoção começa normalmente no Mercado Birmanês de Gemas, Jade e Pérolas, realizado anualmente em Rangum, e continua através de leilões, efetuados pelo menos três vezes por mês, pela HKJSMA, em Hong Kong. Para ilustrar como o negócio do jade é incerto, conta-se a história de um negociante famoso que, há dez anos, em Rangum, viu um lote que consistia de quatro pedaços de jade em bruto. Depois de um exame cuidadoso, concluiu que só três pedaços prometiam jade verde; o quarto, considerou-o sem valor, mas



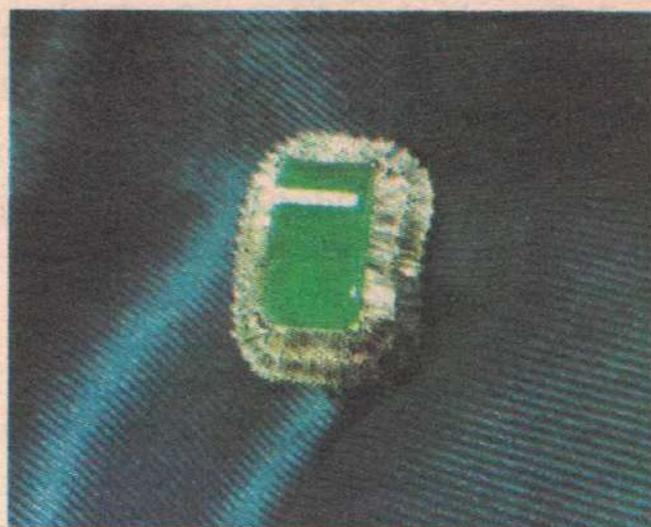
*Anel e brinco de jade, de fabricação recente*

tinha de comprar o lote por 80 mil dólares. De volta a Hong Kong, quando começou a trabalhar nos quatro pedaços, descobriu que os três que havia avaliado tão alto nada valiam, enquanto o quarto forneceu um pedaço de jade que foi vendido por mais de meio milhão de dólares!

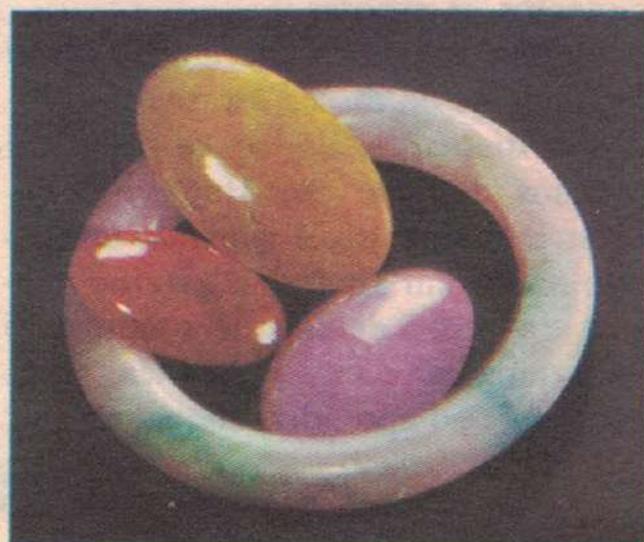
A cor e a transparência são os dois fatores principais para se determinar o preço do jade. Pedras semipreciosas semelhantes ao jade, como o jade do Paquistão (idocrásio), podem custar

apenas uns 3,5 dólares por quilo. O jade indiano (venturina), a bowenita, o jade da Formosa (espécie de nefrita encontrada na Ilha Formosa), o jade do Pacífico Sul (crisópraso) e a «pedra-verde» da Nova Zelândia (também uma espécie de nefrita) são apenas um pouco mais caros. O jade realmente de boa qualidade deve ter cor verde uniforme, ser límpido e possuir um mínimo de impurezas; nesse caso, é de fato valioso. A «Jóia das dez mil felicidades», um raro e lindo bloco de jade, em forma de pimentão, por exemplo, está marcada com o preço quase inacreditável de 196 mil dólares.

Embora existam tantos meios populares de julgar se uma peça de jade é genuína como existem maneiras de acabar com verrugas, só dois métodos são seguros: o uso de um refratômetro ou um teste de densidade. Se a jadeíta ou a nefrita são colocadas numa solução química igual à sua própria densidade, elas afundarão, enquanto que pedras semipreciosas de menor densidade flutuarão. Com frequência, o jade birmanês é tingido de verde para ser vendido a um preço mais alto. A pedra é aquecida, até que a textura seja fragmentada; então, é posta de molho numa solução de cromo (que é verde) por uns dois dias. Porém, como a densidade do jade branco é a mesma que a do jade verde, é difícil descobrir se uma pedra foi tingida pelo método de imersão. Entretanto, as rachas formadas pela fragmentação da textura, no processo de aquecimento, podem ser vistas num refratômetro.



*Jade num engaste clássico, para ser usado como anel*



*Diversos jades, onde se vêem as diferentes cores naturais do mineral*

«Embora o jade seja atualmente apreciado pelo valor da pedra em si», diz Chang Jui, «na antiguidade, o artesanato do jade era dignificado.» Tradicionalmente, os peritos eram divididos em quatro guildas (corporações): uma para cortar, outra para perfurar pulseiras e anéis, outra para lavrar e polir desenhos florais, e outra para polir pulseiras. A arte atingiu a maturidade no fim da dinastia Chou (256 a. C.), e continuou a apresentar

trabalhos de desenho e mão-de-obra notáveis no período seguinte, da dinastia Aan (202 a. C. – 211 d. C.).

Um artífice perito devia fazer apenas dois aprendizados de cada vez (e o segundo só depois que o primeiro estivesse no terceiro ano de um período de quatro). Um pai podia orientar o filho em sua arte, sem limitar o número de anos, mas um segundo filho teria de cumprir o tempo de treinamento estipulado. Aprendizias não eram aceitas, e os peritos não tinham permissão de transmitir seus conhecimentos às esposas.

Hoje, ferramentas mecânicas, como lapidadores de discos rotativos e bordos de diamante, ajudam os cinco mil artesãos de jade em Hong Kong – mestres e aprendizes. Quando um perito aceita um aprendiz, não lhe «ensina» a arte – deixa que o jovem o veja trabalhar e faça perguntas. Também paga ao aprendiz, enquanto que,

nos tempos antigos, só lhe dava comida e alojamento.

Todavia, o número de aprendizes está declinando. «Hoje, poucos moços se encontram que tenham paciência para se dedicar à arte», lamentou um velho mestre, encarquilhado, que visitei em sua oficina, «e, além disso, não têm habilidade nos dedos. Que treino maravilhoso costumávamos dar às nossas mãos! Todos que aprendiam a escrever eram ensinados também a fazer caligrafia. Agora, os dedos das pessoas se tornam cada vez mais embotados.»

Olhei para as mãos do mestre. Os dedos eram finos e delicados, como pétalas de flores, e pensei na paciência inesgotável que permitia que os antigos artífices modelassem instrumentos de jade, antes de haver ferramentas de ferro, e na habilidade soberba que tem criado as obras-primas de jade, agora tão em moda.



O MAIOR desapontamento quando crescemos é descobrir que os adultos, afinal, não têm nenhum conhecimento especial acerca do que fazer em ocasiões difíceis. – B. P.

A MÃE estava examinando a caderneta de notas do filho, e tentando descobrir como ele conseguia ter zero em comportamento e dez em boas-maneyras. Por fim, sacudindo a cabeça, disse: «Penso que isto significa que, quando ele bate em alguém, lhe pede desculpas.» – Y. C.

QUALQUER filosofia que possa ser resumida em duas palavras não vale mais que isso. – Sydney J. Harris, *Leaving the Surface*

O GERENTE de uma loja de artigos de segunda-mão colocou este aviso na vitrina: «Os preços são fixos. A gerência não está emocionalmente preparada para regatear.» – C. B.